O desafio de dialogar no ciberespaço: uma abordagem à luz da hermenêutica gadameriana

Thiago Delaíde da Silva¹

1 Mestrando do PPG Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), RS. Especialista em Mídias na Educação (UFRGS) e especialista em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (FURG). É formando em Filosofia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Metodista (IPA). Professor de Filosofia na Rede Municipal de Esteio, RS.

E-mail: thiago.del@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0396-6292>

RESUMO: Este artigo pretende apresentar elementos para refletir sobre o desafio de desenvolver a arte do diálogo no contexto do ciberespaço à luz da hermenêutica gadameriana, tendo em vista a crescente cultura de intolerância presente nas redes digitais na atualidade. O artigo, de cunho teórico, visa aproximar a temática da cibercultura da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, refletindo sobre as implicações derivadas das mídias pós-massivas sobre o diálogo no ciberespaço. O texto procura apresentar alguns traços pertinentes da cultura digital do mundo contemporâneo, a fim de esboçar o cenário atual e suas implicações no que tange a comunicação humana. Em sintonia com a hermenêutica gadameriana, frente ao que Gadamer chamou de “incapacidade para o diálogo”, o artigo procura indagar se os espaços virtuais constituem um verdadeiro obstáculo para uma cultura da tolerância. Conclui-se que a presente cultura digital cria possibilidades paradoxais que, por um lado, induzem a comportamentos individualistas e autocentrados que comprometem a alteridade e dificultam a arte do diálogo, ao passo que também emergem daí novas formas de comunicação que ampliam o potencial dialógico entre sujeitos devido ao caráter eminentemente interativo das mídias digitais pós-massivas. Diante dessa realidade conflituosa faz-se necessário indagar por uma hermenêutica do ciberdiálogo que expanda a arte do diálogo hermenêutico para o ciberespaço.

Palavras-chave: Diálogo hermenêutico; Cultura digital; Hans-Georg Gadamer.

ABSTRACT: *This paper aims to present elements to reflect on the challenge of developing the art of dialogue in the context of cyberspace in the light of gadamerian hermeneutics, in view of the growing culture of intolerance present in digital networks today. The theoretical paper aims to bring the cyberculture theme closer to Hans-Georg Gadamer's philosophical hermeneutics, reflecting on the implications derived from post-mass media on dialogue in cyberspace. The text seeks to present some pertinent traces of the digital culture of the contemporary world, in order to outline the current scenario and its implications regarding human communication. In line with Gadamerian hermeneutics, in light of what Gadamer called “incapacity for dialogue,” the article seeks to inquire whether virtual spaces constitute a real obstacle to a culture of tolerance. It is concluded that the present digital culture creates paradoxical possibilities that, on the one hand, induce individualistic and self-centered behaviors that compromise alterity and hinder the art of dialogue, while also emerging new forms of communication that expand the dialogical potential between subjects due to the eminently interactive character of post-mass digital media. In the face of this conflicting reality, it is necessary to inquire for a hermeneutic of cyberdialogue that expands the art of hermeneutic dialogue to cyberspace.*

Keywords: Hermeneutic dialogue; Digital culture; Hans-Georg Gadamer.

Introdução

Atualmente é visível o clima de intolerância na sociedade em muitos âmbitos. Os conflitos sociais não são raros e eles tomam uma forma ainda mais intensa no ciberespaço. Em um contexto tão marcado por discussões políticas acirradas nas redes sociais, e seu papel marcante no resultado das eleições democráticas na atualidade¹, se faz importante pensar o desafio de criar uma cultura do diálogo que esteja pautada pela tolerância, pelo respeito, pela ética e pela alteridade. Estes são todos temas que interessam a filosofia de modo geral, mas que tem uma importância fundamental na hermenêutica filosófica de Han-Georg Gadamer (1900-2002). Em seus escritos, Gadamer (2002a) demonstrava certa inquietação com o fato de estarmos aos poucos perdendo a capacidade de dialogar e nos abrimos ao outro, muito em função das transformações sócio-culturais, políticas e tecnológicas, que alteram a maneira como percebemos a realidade, como nos comunicamos uns com os outros, como interpretamos a nós mesmos e ao mundo e como construímos nossa subjetividade, o que implica necessariamente uma preocupação ética e política. Gadamer (2002a; 2007), apesar de apresentar algumas preocupações em relação ao surgimento de mídias sociais tais como telefone e televisão, não chegou a tê-las como objeto de estudo propriamente dito. Contudo, algumas de suas percepções podem nos ser úteis para pensarmos as questões emergentes que a contemporaneidade nos traz, dentre elas a cultura digital.

O que se passa no mundo virtual não é uma simples faceta da vida contemporânea, mas hoje já se traduz como uma forma de ser e estar no mundo. O mundo virtual não existe em oposição à realidade, mas existe como parte dela (LÉVY, 1996). A vida nas redes sociais não é uma vida paralela ao mundo real mas é parte dele. Por isso, aquilo que está presente na internet, nas redes sociais, enfim, no ciberespaço, não é apenas um reflexo da realidade social, mas constitui-se como dado social a ser investigado. O que acontece no ciberespaço influencia tanto quanto é influenciado pelo que acontece fora dele.

Perguntamo-nos: quais reflexões Gadamer faria diante da influência das novas mídias digitais e sua influência no comportamento humano? De que forma as novas formas de comunicação afetam nossa capacidade para um dialogar uns com os outros? Parece necessário que nos coloquemos tais questões e, seguindo pistas deixadas por Gadamer, coloquemo-nos a pensar sobre os fenômenos que emergem diante de nós. É nesse sentido que aqui se pretende refletir sobre as possibilidades e desafios de criar uma cultura de diálogo e tolerância em uma sociedade cuja influência da tecnologia, da internet e das mídias digitais se faz cada vez mais presente.

O objetivo deste artigo é investigar o modo como cultura digital influencia a comunicação humana e o diálogo no ciberespaço indagando se a linguagem utilizada nos espaços digitais se põe como obstáculo para a promoção de uma cultura do diálogo na contemporaneidade. Tal empreendimento nos levará a refletir sobre quais contribuições a hermenêutica gadameriana pode oferecer para um resgate da arte do diálogo no ciberespaço.

Para tal, começo apresentando algumas considerações sobre o contexto sócio-cultural que as novas mídias e a cultura digital (também chamada de cibercultura) tem imposto à vida contemporânea e o modo como afetam as formas de pensar, de nos comunicarmos e os relacionamentos humanos de modo geral. Em seguida, apresento alguns traços da hermenêutica de Gadamer e sua concepção de diálogo. Na seção

¹ Sobre a influência das redes sociais digitais sobre os resultados das eleições no Brasil, ver o artigo “*Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-2016)*”, de BRAGA, Sérgio; CARLOMAGNO, Márcio, 2017. Sobre a relação entre democracia e internet, ver LEMOS, A.; LEVY, P. *O futuro da internet*, 2010. (Referências completas no final do artigo).

seguinte, permito-me expandir as reflexões de Gadamer (2002a) sobre a *incapacidade para o diálogo* que vê a arte do diálogo em perigo de extinção, em virtude da tendência tecno-científica em promover a monologização do pensamento e da comunicação humana. Por fim, apresento alguns questionamentos e desafios referentes à arte do diálogo frente à cultura digital e sugerir que é necessário desenvolver uma “*hermenêutica do ciberdiálogo*”, procurando nos elementos que estruturam o diálogo hermenêutico formas de orientar o diálogo no ciberespaço, de modo que a arte do diálogo promova alteridade, o respeito ao outro e a tolerância e a diversidade de pensamento.

A sociedade em rede, o ciberespaço e a cibercultura: desafios para a arte do diálogo

Hoje fica evidente que as diferentes mídias sociais, a internet e as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's) moldam cada vez mais a vida social. O sociólogo Manuel Castells abre seu livro *A Galáxia da Internet* (2003) com a afirmação contundente: “A internet é o tecido de nossas vidas” (CASTELLS, 2003, p. 07). Tal afirmação pode parecer exagerada à alguns leitores, mas Castells (2003) argumenta que a internet hoje cumpre um papel semelhante ao que a eletricidade cumpria durante a Revolução Industrial. Sem eletricidade as máquinas param e a sociedade também. Na sociedade da informação, se a internet cai o caos se estabelece. Nossas vidas estão tecidas pela informação disseminada, compartilhada, arquivada e transmitida na internet. Mais do que isso, nossas relações sociais estão cada vez mais sendo intermediadas pela *web*. Dessa forma “a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede” (CASTELLS, 2003, p. 07).

Para Castells, a internet como “um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos” (CASTELLS, 2005, p. 40). Esse sistema é resultado de uma revolução que marca profundamente a realidade social, tal como a revolução industrial marcou a sociedade nos séculos anteriores. É uma revolução que altera o modo como os fenômenos sociais acontecem e como as relações sociais se estabelecem. “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2005, p. 40). Por isso, nossas vidas agora são tecidas pelas redes digitais. Estamos não apenas conectados, estamos atrelados de um modo que não podemos mais nos separar do mundo digital. Dependemos da internet tanto quanto dependemos da eletricidade.

O filósofo Pierre Lévy é outro pensador que tem se empenhado em refletir sobre a influência e o impacto da internet e das tecnologias da informação na vida cotidiana. De certa maneira, o mundo digital abre espaço para o surgimento de novas formas de *inteligência coletiva* (LÉVY, 1994). Lévy afirma que “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação” que permeia “os planos econômico, político, cultural e humano” de modo que “cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço” (LÉVY, 1999, p. 11). Este espaço não é exatamente físico, mas virtual, o *ciberespaço*. Lévy compreende o ciberespaço do seguinte modo:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17)

O ciberespaço se constitui como um *locus* onde a virtualidade se estabelece como espaço complementar ao mundo físico. Lévy é explícito ao dizer que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual (LEVY, 1996, p. 15)². Isso significa que o mundo do ciberespaço, o conteúdo presente na internet, nas redes sociais, não é simplesmente uma imagem, um simples reflexo, muito menos uma ilusão ou sombra opaca da realidade. O virtual é um modo de ser do real, e a rede mundial de computadores possibilitou um crescente avanço da virtualização da vida e das relações sociais. Lévy (1996, p.17-18) explica:

Mas o que é a virtualização? Não mais o virtual como maneira de ser, mas o virtual como dinâmica. A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é a desrealização (a transformação de uma realidade em um conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento de gravidade ontológico do objeto considerado [...]

A virtualização consiste, portanto, em um movimento que exalta a potencialidade. No ciberespaço, nas redes sociais, todos podem ser tudo o que quiserem, podem ser o que o plano físico não permite. Podem inclusive dizer o que não diriam “pessoalmente” para as mesmas pessoas com quem interagem virtualmente. Mas, de modo algum, poderíamos dizer que as relações que se estabelecem no mundo virtual não são reais. Deveríamos pensar exatamente o contrário, a saber, que hoje não é mais possível compreender a realidade social independentemente do mundo virtual e tudo o que nele ocorre.

Além disso, ciberespaço possibilitou o surgimento de uma *cibercultura*. Nossos hábitos, costumes, nossas relações sociais, econômicas, políticas e afetivas, se estabelecem pelo intermédio do ciberespaço, criando uma cibercultura. Lévy define cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Não há como ignorar que as nossas vidas estejam sendo moldadas pela evolução tecnológica e pela cibercultura. Lévy (2010, p. 07) coloca a questão nos seguintes termos:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada.

Levy e Castells, cada uma a sua forma, falam do mesmo fenômeno. A rede ou o ciberespaço ampliam certas capacidades humanas, de comunicação, de socialização, de organização e de cognição.

É importante atentar para o fato de que hoje vivemos a era das chamadas mídias *pós-massivas* (também chamadas como ‘novas mídias’) que se caracterizam especialmente pela sua interatividade:

As chamadas ‘novas mídias’, como a Internet, os telefones celulares, os microcomputadores, assim como softwares, agentes e inúmeras ferramentas de comunicação, podem desempenhar funções não centralizadoras ou simplesmente massivas, mas abertas, colaborativas, interativas, distributivas... “pós-

² “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.” (Lévy, 1996, p. 15)

massivas”.” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 47).

As mídias massivas, como rádio, televisão e jornal impresso se caracterizam por transmitirem a informação a um grande número de espectadores, porém a mensagem é emitida apenas em uma via e permite pouca interatividade. Logo, a comunicação torna-se pouco ou quase nada dialógica. As mídias pós-massivas, por sua vez, são aquelas que permitem maior interatividade e a mensagem é emitida em uma via de mão dupla. Assim, o receptor pode responder e, às vezes, até editar a informação. Isso ocorre mais fortemente na internet, em alguns sites, nas redes sociais e nas *wikis*, como a *Wikipédia*, em que o conteúdo pode ser criado de maneira colaborativa.

Na sociedade onde predominavam as mídias massivas como a televisão, o rádio e o jornal impresso, a comunicação acontecia em uma única via, do emissor para o receptor. Como explica Rüdger (2011, p. 13):

Na nova mídia digital, a comunicação, com efeito, é interativa em sentido simultaneamente específico e ampliado: ampliado, por uma lado, porque permite a interação humana ativa e em mão dupla com os próprios meios e equipamento que viabilizam; específico, de outro, porque esta circunstância permite ainda a interação social ativa e em mão dupla entre os seres humanos, ao ensejar o aparecimento de redes sociotécnicas participativas que transcendem a sua pura e simples interligação social, como ocorria na esfera da velha mídia. As redes sociais, portais, blogues, os videojogos, chats e sites de todo o tipo, os sistemas de troca de mensagens e o comércio eletrônico, o cinema, rádio, música e televisão interativos via internet são realmente, apenas algumas das expressões que surgem neste âmbito e estão ajudando a estruturar praticamente a cibercultura.

Em uma sociedade pautada pelas mídias de caráter massivo, quem assistia televisão ou ouvia o rádio não poderia interferir na programação e não poderia estabelecer um diálogo com o emissor da mensagem, salvo algumas situações pontuais onde o telespectador poderia ligar para a emissora para participar (ao vivo ou não) com suas opiniões ou questões (o mesmo vale para o ouvinte do rádio e o leitor do jornal). Mas a sua participação era mínima. No contexto atual, onde as novas mídias estão conectadas à internet, ocorre o aumento da participação e da interatividade entre o emissor e o receptor da informação. “As funções pós-massivas, por sua vez, caracterizam-se por abertura do fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo da informação” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 48). A internet proporcionou um conteúdo em rede, onde cada vez mais o público pode interagir quase que instantaneamente à emissão da informação, reagir em relação a ela e até interferir em muitos casos em seu conteúdo ou disseminação. Cada vez mais as velhas mídias massivas estão se adaptando a estrutura em rede das novas mídias.

Este aspecto muda também a configuração da participação política dos cidadãos e traz novas questões do ponto de vista da democracia. Em relação a este fenômeno, Castells (2003, p. 135) observa que “a internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento”. Este é um dos aspectos daquilo que se discute a respeito do que se chama de democracia digital ou ciberdemocracia³.

³ Sobre a ciberdemocracia Lemos e Lévy (2010, p. 28) escrevem: “Pensar a ciberdemocracia do futuro deve partir do reconhecimento dos rumos da democracia não apenas em uma sociedade de *fluxo massivo industrial informacional*, mas em uma sociedade planetária em que ao fluxo massivo juntam-se funções *pós-massivas-industriais conversacionais*.”

Diante desse quadro apresentado, a questão que se coloca é: porque vivemos um momento crítico de tanta intolerância e falta de diálogo se justamente o ciberespaço possibilita e favorece a interação dialógica? Aparentemente o que se vê, especialmente em momentos sociais críticos, como campanhas eleitorais por exemplo, é uma guerra acirrada de opiniões dogmáticas onde se inflam os ânimos e criam-se discussões infundáveis sem contudo levar a conclusão alguma, apenas aumentando o distanciamento entre os interlocutores que ampliam sua falta de entendimento uns dos outros. Como pensar e compreender essas questões? A hermenêutica filosófica de Gadamer pode lançar luz sobre essa dificuldade? Poderia a hermenêutica gadameriana acrescentar elementos nesta discussão sobre o impacto do ciberespaço e da cibercultura em nossas vidas? Em contrapartida, o contexto das novas mídias e da sociedade digital pode trazer novas questões para pensarmos o diálogo hermenêutico? Pretendo apresentar algumas considerações sobre estas questões e aproximar a hermenêutica de Gadamer deste novo contexto sócio-cultural em que nos encontramos. Antes, é preciso, contudo apresentar alguns traços da hermenêutica filosófica de Gadamer e sua concepção de diálogo.

A centralidade do diálogo na hermenêutica gadameriana

Hans-Georg Gadamer está entre os filósofos mais importantes do século XX e um dos principais nomes dessa corrente filosófica conhecida como *hermenêutica*⁴. Entretanto, Gadamer não é apenas um dos nomes centrais da tradição hermenêutica, mas pode ser considerado o pai da *hermenêutica filosófica*⁵, que não se reduz nem a um simples método de interpretação de textos (sejam eles teológicos, jurídicos, filológicos, etc)⁶, mas uma filosofia que reconhece que o modo de ser do homem no mundo é de ser um ente que interpreta o mundo ao seu redor, que busca compreensão. E esta compreensão é sempre situada, é sempre

⁴ A hermenêutica tem uma longa história que em última análise remonta à uma ciência da interpretação de textos sagrados, posteriormente jurídicos e até mesmo literários. Mas enquanto método interpretativo Richard Palmer a define do seguinte modo: “A hermenêutica é o estudo da compreensão, e essencialmente a tarefa de compreender textos. As ciências da natureza têm métodos para compreender os objetos naturais; as «obras» precisam de uma hermenêutica, de uma «ciência» da compreensão adequada a obras enquanto obras. E certo que os métodos de «análise científica» podem e devem ser aplicados as obras, mas ao proceder deste modo estamos a tratar as obras como objetos silenciosos e naturais. Na medida em que são objetos, são redutíveis a métodos científicos de interpretação; enquanto obras, apelam para modos de compreensão mais sutis e compreensíveis. O campo da hermenêutica nasceu como esforço para descrever estes últimos modos de compreensão, mais especificamente «históricos» e «humanísticos».” (PALMER, 1999, p. 19).

⁵ A hermenêutica de Gadamer é uma hermenêutica filosófica cujo significado vai muito além de um método de análise mas certamente uma postura filosófica diante do mundo e de modo mais radical uma condição existencial do ser do homem no mundo, já que o homem pode ser interpretado como um ser hermenêutico, ou seja, ser que procura a todo momento compreender e interpretar o mundo a sua volta. Nas palavras de Palmer (1999, p. 20): “A interpretação é [...] talvez o acto essencial do pensamento humano; na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação.” Como também explica Rohden (2008, p. 54): “A hermenêutica filosófica enquanto filosofia, não se pretende aos trilhos da interpretação causal linear nem à mera análise de textos ou de proposições. Nela, ética e linguagem caminham de mãos dadas, uma vez que o modo de interpretar implica discernir sobre suas implicações pessoais e sociais. Arraigada na finitude humana, a hermenêutica filosófica não se separa desta. Daí porque a historicidade e a linguagem assumem papéis de protagonistas do pensar filosófico pautado por uma medida de racionalidade apropriada ao ser humano.” Para uma perspectiva do desenvolvimento histórico da hermenêutica desde suas raízes gregas até a hermenêutica filosófica, ver também GRONDIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*, 1999.

⁶ Nas palavras de Gadamer: “A história da hermenêutica nos ensina que junto à hermenêutica *filológica* existiram também uma *teológica* e outra *jurídica*, e que somente as três juntas comportam o conceito pleno de hermenêutica.” (GADAMER, 1997, p. 460)

condicionada à historicidade e temporalidade daquele que interpreta. Gadamer afirma: “A hermenêutica é, muito antes, uma visão fundamental acerca do que significa em geral, o pensar e o conhecer para o homem na vida prática, mesmo se trabalhando com métodos científicos” (GADAMER, 2000, p. 18-19). Desse modo, Gadamer não toma a hermenêutica meramente como uma ciência da compreensão ou da interpretação, mas como uma *práxis* que é parte da condição humana. A hermenêutica está ligada existencialmente ao homem. Em *Verdade e Método I* (1997, p. 137) ele afirma:

As palavras brotam do movimento comunicativo da interpretação que o homem faz do mundo, e que se dá na linguagem. Movidas e transformadas por essa interpretação, as palavras se enriquecem, alcançam novos contextos que recobrem os antigos, resguardam-se num quase esquecimento para tornar à vida em ideias novas e questionadoras.

Gadamer se aproxima da filosofia aristotélica ao afirmar que a linguagem é um dos atributos que nos definem⁷, porém vai contra a ideia cientificista e positivista de que aquilo que não pode ser explicado em uma linguagem lógico-matemática não pode ser dito ou pensado, ou simplesmente não pode ser encarado como conhecimento formal. Para Gadamer “nós nunca podemos dizer tudo aquilo que gostaríamos de dizer” (GADAMER, 2007, p. 78), há sempre algo não dito, algum sentido encoberto pela linguagem, algo que precisa ser intuído, interpretado e não pode ser reduzido à racionalidade matematizante. “Sempre ficamos algo aquém disso”, afirma, “não podemos dizer tudo aquilo que propriamente queríamos” (GADAMER, 2007, p. 78). Este é, segundo Gadamer, “o princípio supremo da hermenêutica filosófica” (GADAMER, 2007, p. 78), ou seja, sempre podemos compreender algo novo a respeito do que é dito. Não se trata, pois, de negar o saber científico, mas opor-se ao reducionismo de todas as esferas da vida, como única forma de explicação possível. Por isso, a hermenêutica se opõe ao positivismo que procura sempre dar um ponto final, uma explicação definitiva para os fenômenos do mundo. A tarefa da hermenêutica então será sempre perseguir novos sentidos produzidos pela compreensão humana, que por natureza é um processo infinito e inacabável. Sempre será possível uma nova compreensão sobre um determinado fenômeno da vida.

Um dos aspectos mais importantes da hermenêutica filosófica de Gadamer é o papel central que ele dá ao diálogo. O diálogo é um dos pilares da filosofia gadameriana (ROHDEN, 2009, p. 71) e, em certa medida, a espinha dorsal que constitui propriamente a linguagem humana (GADAMER, 2007, p.85). Para Gadamer, não há linguagem sem diálogo, ou melhor, “a linguagem apenas se dá no diálogo” (GADAMER, 2002a, p. 243). A linguagem é por natureza dialógica. Isso significa dizer que a linguagem se constitui como uma troca de experiências entre seus interlocutores. A linguagem é comunicação e, portanto, é dialógica na sua natureza. É exatamente por essa razão que Gadamer é tão combativo com aquilo que chama de “monologização do pensamento” (GADAMER, 2002a, p. 245) na tradição moderna, especialmente na cultura ocidental. Por conta do desenvolvimento da ciência moderna e do caráter matematizante das ciências naturais, se impôs uma lógica dedutivo-matemática objetivista que reduz toda a compreensão

⁷ Gadamer (2002b) explica que a afirmação aristotélica do homem como *ser racional*, ou seja, ser que tem *logos*, deve ser interpretada como ser que possui linguagem, e não meramente razão. Assim a linguagem é mais ampla de que a racionalidade e mais ampla que o pensamento introspectivo, pois o homem pode falar o que pensa, pode se comunicar. Gadamer afirma: “A linguagem é, pois, o centro do ser humano, quando considerada no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, o âmbito do entendimento, do consenso crescente, tão indispensável à vida humana como o ar que respiramos. Realmente o homem é o ser que possui linguagem, segundo a afirmação de Aristóteles.” (GADAMER, 2002b, p. 182)

humana a uma dimensão racional logicista (GADAMER, 2000). Por isso, pela sua estrutura monológica, Gadamer nega que a matemática seja uma linguagem, propriamente falando (GADAMER, 2007, p. 83). A matemática, para Gadamer, é um “instrumentário, que é aplicado a dados – da natureza, da economia, da sociedade”, ou seja, “ela ordena valores de medida” (GADAMER, 2007, p. 83). O conhecimento matemático é formal e universalista, não é situado, não exige facticidade, nem depende de circunstâncias, não é, pois, dialógico. Seu caráter monológico impede de a concebermos, segundo a hermenêutica gadameriana, como linguagem.

Mas o que seria o diálogo na perspectiva gadameriana? Para Gadamer, o diálogo é um encontro entre “parceiros” (2007, p. 86) no qual se estabelece um encontro entre visões de mundo (2002a, p. 246) onde ambos se afetam e se modificam. “Onde o diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós nos transformou” (GADAMER, 2002a, p. 246). Ninguém fica imune quando um diálogo autêntico acontece. O diálogo possui uma “força transformadora” (GADAMER, 2002a, p. 247) porque afeta aqueles que dialogam. Não é apenas uma troca de informações. Não são apenas palavras sendo comunicadas, mas são vidas que se tocam. Nas palavras de Gadamer: “Quando duas pessoas se encontram e trocam experiências, trata-se sempre do encontro entre dois mundos, duas vidas e duas imagens de mundo” (GADAMER, 2002a, p. 246). Ou seja, o diálogo é “aquilo que deixou uma marca” (GADAMER, 2002a, p. 247). Desse modo “o que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo” (GADAMER, 2002a, p. 247).

O diálogo, nessa perspectiva, tem a capacidade de expandir “nossa individualidade” e de ser um “experimento da possível comunidade a que nos convida a razão” (GADAMER, 2002a, p. 246). Por isso, ele tem uma dimensão social e comunitária que nos tira do solipsismo individualista. Assim, há um vínculo muito próximo entre o diálogo e a amizade. “É só no diálogo” afirma Gadamer, “que os amigos podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmos no outro.” (GADAMER, 2002, p. 247).

Conforme explica Rohden (2009, p.70):

Mais que mero jogo de concordância entre sujeitos e os objetos, a linguagem filosófica gadameriana efetiva-se enquanto diálogo que, se for autêntico, deixa e produz, nos seus participantes, algo que os transforma e o os torna melhores, mais felizes, mais humanos. O diálogo enquanto jogo dialético aberto, mais que uma disputa estéril e abstrata sobre conceitos, compromete aqueles que nele tomam parte. Diferentemente da dialética sintética que se encerra em um conceito ou em uma verdade absoluta, Gadamer fundamenta uma dialética dialógica regida pela concepção de amizade tal como foi desenvolvida pelo estagirita.

Fica evidente o quanto o diálogo é central para a hermenêutica gadameriana. “O espírito dialógico constitui o fio central do seu filosofar” (ROHDEN, 2009, p. 73). É compreensível, pois, que a filosofia socrático-platônica tenha sido uma das principais influências de Gadamer. Sem diálogo não há linguagem. Sem linguagem não há compreensão, nem pensamento, nem comunicação, não há sociabilidade e nem convivência humana. Sem diálogo não pode haver comunidade humana, não pode haver filosofia.

A crescente incapacidade para o diálogo na contemporaneidade frente à cultura digital

No ensaio *A incapacidade para o diálogo* (1972), presente em *Verdade e Método II*, Gadamer (2002a, p.

242) questiona se a arte de dialogar não estaria desaparecendo na contemporaneidade. Em um primeiro momento pareceria, a um leitor contemporâneo não muito atento, uma pergunta boba. Como seria possível o diálogo desaparecer? Ora, as pessoas não estão hoje cada vez mais conectadas? A tecnologia não ampliou as formas de comunicação humana? Se computadores, smartphones, e-mail, redes sociais e outros tantos recursos tecnológicos disponíveis hoje ampliam a capacidade de nos comunicarmos, por que o diálogo estaria desaparecendo? Entretanto, se temos em mente que o diálogo na perspectiva da hermenêutica gadameriana pressupõe um encontro pessoal entre “parceiros de diálogo” (GADAMER, 2007, p. 86) onde ocorre um encontro de mundos (2002a, p. 246) torna-se uma pergunta crucial, especialmente se ela é colocada em tempos como o nosso, onde a tecnologia está cada vez mais presente na vida cotidiana, onde os recursos tecnológicos moldam a comunicação, as relações sociais e afetivas, a produtividade no mundo do trabalho e praticamente todos os nossos afazeres.

Gadamer, ao escrever seu ensaio, na década de 70, não estava inserido exatamente neste mesmo contexto, mas já percebia as mudanças sociais que a cultura tecno-científica implementava num quadro mais geral na Europa e no ocidente (GADAMER, 2007). Gadamer já conseguia vislumbrar o quanto o avanço tecnológico poderia afetar a comunicação humana e pôr a arte do diálogo em risco. Por isso indaga sobriamente:

Na vida social de nossa época não estamos atingindo uma monologização crescente do comportamento humano? Será um fenômeno típico de nossa civilização que acompanha o modo de pensar técnico-científico? Ou será que experiências específicas de auto-alienação e de isolamento presentes no mundo moderno é que fazem os mais jovens se calar? Ou será ainda que o que se tem chamado de incapacidade para o diálogo não é propriamente a decisão de recusar a vontade de entendimento e uma mordaz rebelião contra o pseudo-entendimento dominante na vida pública? (GADAMER, 2002a, p. 242-243)

A monologização do comportamento humano a qual Gadamer se refere é a tendência cada vez mais forte que temos de resistir a abrir-se ao outro, a tendência de sermos autocentrados, egocêntricos, narcisistas. Desse modo, os indivíduos se fecham em si mesmos e nem sempre estão dispostos a entregar-se em uma aventura ao encontro do outro, deixando-se afetar pelo que o outro tem a oferecer e compartilhar. Mesmo em tempos onde todos compartilham todo tipo de informação nas mídias sociais a todo o momento, não é incomum que a maioria apenas esteja interessada em quantos *likes* irão receber em suas postagens. Por isso o questionamento gadameriano é genuíno e toca em um ponto fundamental. Gadamer já vê na conversa telefônica uma “diminuição do diálogo”. “Tornou-se tão comum mantermos longas conversas por telefone que quase já não damos conta do empobrecimento comunicativo que se dá na convivência com as pessoas que se encontram ao nosso lado [...]” (GADAMER, 2002a, p. 244). Não nos parece familiar tal situação, agora ampliada através do uso dos smartphones e dispositivos móveis, onde é perceptível uma profunda imersão das pessoas em seus respectivos aparelhos, conversando com outros que não estão fisicamente presentes, deixando muitas vezes de lado aqueles que ali estão corporalmente em sua presença? Gadamer (2002a, p. 244) segue dizendo:

Ao telefone quase não é possível ouvir a disposição de abertura do outros para entrar em diálogo. Também não é possível a experiência da aproximação mútua, onde cada um vai adentrando, passo a passo, o diálogo, chegando a ficar imbuídos do diálogo que a comunhão surgida não pode ser rompida. [...]

Aqui fica claro, que para Gadamer o diálogo não se reduz à mera conversa. É possível manter uma

conversa no telefone, evidentemente, mas o diálogo fica comprometido, uma vez que a experiência do encontro não pode se estabelecer totalmente, pois não há a possibilidade da troca sensorial plenamente como há em um encontro onde os indivíduos dividem o mesmo espaço, pois “a aproximação artificial criada pelo fio telefônico quebra imperceptivelmente justamente a esfera do tato e da escuta, em que as pessoas podem aproximar-se” (GADAMER, 2002a, p. 244). “Toda chamada telefônica”, complementa enfaticamente, “traz consigo algo da brutalidade do molestar e ser molestado, mesmo quando se assegura que a chamada foi motivo de alegria” (GADAMER, 2002a, p.244).

Essa “brutalidade” referida por Gadamer, que fere a comunicação humana e impossibilita um diálogo autêntico, à medida que a sociedade tecnológica avança apenas parece ampliar esse quadro. Poder-se-ia argumentar, contudo, que com uma vídeo-chamada, onde podemos ver e ouvir o nosso interlocutor essa falha estaria amenizada. De fato, a comunicação melhora e amplia o horizonte de compreensão a respeito da troca de informações entre os interlocutores, mas isso não garante, contudo, o diálogo, pois este antes de tudo exige uma disposição para um encontro onde ambos serão afetados existencialmente uns pelos outros. O que preocupa a Gadamer é que a crescente evolução tecnológica tem tomado o lugar da genuína experiência humana de se relacionar, ou seja, nossa capacidade de criar vínculos, laços humanos duradouros⁸.

É o que Gadamer compreende por amizade. Sem amizade não há verdadeiro diálogo (GADAMER, 2002, p. 247). E isso é algo que a tecnologia por si não pode garantir. O problema para Gadamer, então é referente a uma cultura que pouco a pouco se amplia e que promove uma incapacidade para o diálogo em larga escala. Desse modo, a incapacidade para dialogar “é em última instância sempre o diagnóstico de alguém que não se presta ao diálogo e não consegue o diálogo com o outro. A incapacidade do outro é sempre também a própria incapacidade” (GADAMER, 2002a, p.250).

Segundo Gadamer (2002a, p. 251), a cultura tecno-científica tem ampliado a monologização do pensamento e das relações humanas:

[...] pode haver também um motivo objetivo para que a linguagem comum entre as pessoas venha se degradando de maneira crescente, à medida que nos acostumamos cada vez mais à situação de monólogo que caracteriza a civilização científica de nossos dias com a tecnologia informacional, de tipo anônimo. É só pensar no diálogo a mesa, por exemplo, em nítida extinção, sobretudo em certas residências luxuosas de americanos deploravelmente ricos pelo conforto técnico e sua utilização irracional. Ali existem salas de jantar tão equipadas que cada comensal, à medida que olha para o seu prato, pode confortavelmente assistir a um aparelho de televisão instalado especialmente para ele [...].

Nesse ponto fica claro que a preocupação de Gadamer é com a extinção das relações humanas, da conversa face a face, do diálogo que surge quando duas pessoas estão totalmente entregues ao momento presente, mental e corporalmente, quando sua atenção está completamente dirigida ao outro e não dividida com uma tela. Se este problema já estava colocado face ao crescente uso do telefone e da televisão, o que se pode dizer da disseminação em massa dos smartphones que se tornam aparelhos pessoais, personalizados e ampliam ainda mais este comportamento monológico? Será que a tecnologia e a presença constante nas

⁸ Diga-se de passagem, essa também parece ser uma preocupação presente em muitas obras do sociólogo Zygmunt Bauman ao se referir aos laços humanos como relações líquidas. Bauman apresenta uma visão um tanto pessimista do momento em que vivemos ao dizer que “os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas por isso mesmo, terrivelmente precários, e é tão difícil praticar solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais” (BAUMAN, 2007, p. 30).

redes sociais, através de postagens diárias e até frenéticas, não reforçam uma forma de isolamento individual em que vivemos, que ironicamente demonstra tanto o nosso solipsismo quanto a nossa necessidade do outro? Estaria esse comportamento nos levando a perder a capacidade de dialogar autenticamente na perspectiva do diálogo hermenêutico?

Castells também apresenta uma preocupação desse tipo ao se perguntar se “a internet favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade e, por fim, com o mundo ‘real’?” (CASTELLS, 2005, p. 442). Essa parece ser uma questão crucial. De certa forma, o ciberespaço, e a cibercultura de modo geral, amplia simultânea e paradoxalmente tanto as possibilidades de interação e criação de comunidades cujos vínculos podem ser genuínos e duradouros, uma vez que as pessoas podem se encontrar pelos seus centros de interesses, como também amplia o isolamento entre os sujeitos e reforça o comportamento auto-centrado e narcisista. No primeiro caso temos uma abertura para o surgimento do diálogo nas redes sociais, apesar de algumas ressalvas. No segundo caso, o rompimento com a atitude hermenêutica de acolher e escutar o outro impede o surgimento do diálogo autêntico, emergindo, assim, um ambiente mais propício à intolerância ao outro.

O que certamente podemos refletir é que o uso constante de aplicativos como o *WhatsApp*, por exemplo, que permitem tais funcionalidades que rompem com a dimensão de alteridade do diálogo, leva a desenvolvermos um hábito de ignorar a *voz do outro*⁹, a menos que seja de nosso interesse. Esse é o ponto crucial que faz criar um círculo vicioso que propicia pouco a pouco o desaparecimento da arte do diálogo, abrindo o espaço para perdermos nossa tolerância com aquilo que não é de nosso agrado, ou que reflete nossa visão de mundo. O resultado disso é vivermos cada vez mais em bolhas sociais, criando relações com apenas pessoas que pensam parecido conosco. Assim temos cada vez menos experiências de conflitos amistosos, ou seja, confronto de ideias com aqueles que de fato nos são próximos e podem ser solidários nos corrigindo amistosamente em nossas falhas. Se não temos experiências em dialogar com aqueles que nos são próximos, com quem podemos chamar de amigos, que dirá quando nos defrontarmos com quem não faz parte de nosso círculo de convivência e não pertence a nossa bolha social (ou digital). A tendência é que haja sempre um choque explosivo no campo das ideias, onde pensamentos diferentes em vez de se aproximarem no que há em comum se repelem ou se degladiam. Consequência disso: monologização do pensamento, da comunicação, do comportamento.

Considerações finais

Diante deste quadro apresentado, será possível o dialogar no ciberespaço? É possível haver diálogo autêntico nas redes sociais? Será que uma conversa pelo *WhatsApp* pode desenvolver um diálogo hermenêutico? Será que a cultura imagética presente no *Instagram* manifesta uma preferência neurológica por consumir imagens com pouco texto e que aguce mais nossas sensações? Será a interface do *Facebook* capaz

⁹ A expressão “voz do outro” é trabalhada por James Risser em “*Hermeneutics and the voice of the other: re-reading Gadamer’s philosophical hermeneutics*” (1997). Risser defende que uma das características fundamentais da hermenêutica filosófica de Gadamer está na atitude se colocar na escuta da voz do outro (*voice of the other*). Na medida que a hermenêutica filosófica é uma busca pela compreensão de si e dos outros, é preciso reconhecer a existência do outro e deixá-lo falar. Nesse sentido, a perspectiva dialógica gadameriana pressupõe a tentativa de compreender o outro e permitir que sua voz seja ouvida. A hermenêutica seria necessariamente uma “hermenêutica da voz do outro” (RISSER, 1997, p. 14).

de promover a arte do diálogo ou será apenas um campo de batalhas de opiniões dogmáticas e intransigentes? Não estamos vivendo uma cultura onde os *memes* substituem ideias, teorias e argumentos racionalmente formulados? Será que tal tendência não afeta nossas capacidades cognitivas?

Estas perguntas são pertinentes e de certa forma desconcertantes, uma vez que a nossa dependência das mídias sociais e dos recursos tecnológicos é cada vez mais intensa e em geral estamos tão imersos na cultura digital que não percebemos que ela pode estar afetando nossa cognição, nosso comportamento e nossa leitura de mundo. O ciberespaço não é só uma ferramenta de comunicação, mas um meio de comunicação que condiciona a mensagem que é emitida e processada.

Ao que tudo indica, parece que Gadamer tinha razão ao preocupar-se com a crescente incapacidade para o diálogo, afinal, para que o diálogo autêntico aconteça é necessário querer ouvir e compreender o outro e suas razões, e até mesmo admitir que o outro poderia ter razão em seu modo de pensar. “Seguramente, a arte da compreensão é, antes de tudo, a arte da escuta. Também diz respeito a isso, porém, deixar aberto a possibilidade de que o outro possa ter razão”, afirma Gadamer (2007, p. 79). A postura hermenêutica seria justamente essa capacidade de se colocar em diálogo, um querer ouvir e compreender o outro, não com a intenção de convencê-lo de que está errado, mas esperando ser afetado por sua percepção de mundo, pois não é possível que ocorra um diálogo sem que ambos saiam de alguma forma transformados (mesmo que suas opiniões permaneçam as mesmas). Muitas vezes o que vemos no contexto do ciberespaço é uma reunião de monólogos que se debatem, se tocam, mas não se fundem.

O ambiente das redes sociais, que deveria ser por concepção algo amistoso, nem sempre propicia um clima que permita um diálogo entre amigos, ampliando muitas vezes a intolerância e o desprezo com o outro. O ambiente de intolerância que está presente na sociedade se transfere também para o ciberespaço, ganhando mais força justamente porque as novas mídias permitem a criação e a emissão desses novos conteúdos. Assim, todos têm *voz* e espaço para dizer o que quiserem, embora nem todos estejam dispostos a *ouvir*, condição essencial do diálogo hermenêutico.

Em seu ensaio *A ideia de tolerância: 1782-1982* (2001), Gadamer discute a importância de desenvolvermos a virtude da tolerância que não pode ser de modo algum estabelecida por uma lei ou decreto. A tolerância é uma virtude moral, uma postura ética que precisa ser cultivada. E sem tolerância não há respeito. Sem o respeito pelo outro não há alteridade, não há possibilidade de estabelecer um autêntico diálogo. Em suas palavras:

[...] a tolerância está em ação em tudo, não só enquanto virtude de convívio que nos é inculcada, mas como fundamento da disposição anímica humana, que conta com a alteridade do outro e com a multiplicidade das alteridades que existem, par a par, na nossa realidade tão complicada e tão variadamente emaranhada. (GADAMER, 2001, p. 94)

Da forma como Gadamer concebe a tolerância ela crucial, pois deve ser uma virtude que perpassa o tecido social através de nossas práticas e de nossa forma de ser no mundo. Para Gadamer, hoje chegamos a um ponto da história em que a humanidade tem a capacidade de se auto-destruir ou de criar condições de uma vida socialmente harmoniosa¹⁰. Tudo depende de nossa capacidade de reaprender a dialogar e

¹⁰ “Nunca antes a humanidade esteve na posse dos meios, através dos quais ela podia tornar impossível a sua própria existência sobre esse planeta – não apenas por meio da intensificação da confecção técnica das armas. Todo desenvolvimento técnico e industrial alcançou nesse ínterim uma dimensão tal, que a crise ecológica se tornou agora genericamente consciente, e nós ainda não sabemos até aqui, de maneira alguma, se ela poderá ser controlada pela humanidade.” (GADAMER, 2007, p. 72)

desenvolver uma postura de alteridade, uma atitude de compreensão do outro. Por isso “a tolerância se torna uma tarefa universal” (GADAMER, 2001, p.92) que se impõe à humanidade e sem a qual dificilmente poderemos sobreviver a tantas possibilidades de nos auto-destruir.

É indiscutível que a tolerância se faz importante também no contexto das redes sociais. Parece que, apesar de difícil, o diálogo no ciberespaço é possível, e mais ainda, é necessário. Já que o ciberespaço faz parte da realidade social e, ao que tudo indica, se tornará cada vez mais indispensável para a comunicação humana, influenciando todas as esferas da vida pública e privada, se faz necessário pensarmos em estratégias que orientem e promovam um autêntico diálogo no ciberespaço.

Parece razoável inferir, a partir do que foi dito até aqui, a necessidade de se desenvolver o que poderíamos chamar de “*hermenêutica do ciberdiálogo*” para os tempos atuais, ou seja, uma hermenêutica que dê conta dessas novas formas de comunicação e da estrutura da linguagem que se aplica no ciberespaço e no contexto do mundo digital. A hermenêutica filosófica de Gadamer é fecunda e pode trazer elementos importantes para uma teoria e prática do diálogo nos espaços virtuais, que vise uma cultura de tolerância e escuta do outro. O termo “ciberdiálogo” não é mero neologismo indiscriminado, mas trata-se uma tentativa de dar especificidade para um fenômeno novo. A tentativa de juntar a compreensão gadameriana do diálogo, com seus traços fundamentais, com a ideia de um tipo de comunicação no ciberespaço parece ser um desafio fundamental e necessário. Apesar das ressalvas de que estamos perdendo a capacidade para o diálogo (GADAMER, 2002a) frente as novas formas de comunicação cada vez mais impessoais, a emergência de encontrar novas maneiras de lidar com a cultura digital é crucial para a convivência humana em sociedade. Se é verdade que a comunicação pós-massiva cria um tipo de interatividade distinta daquela presente na cultura das mídias massivas, onde há uma perspectiva comunicativa horizontal, abre-se um espaço para pensarmos na possibilidade de um tipo de fusão de horizontes possível, apesar de distinto e com características próprias, entre esses sujeitos comunicantes. O tipo de diálogo no ciberespaço que se abre à alteridade e a compreensão do outro pode exigir um tipo de hermenêutica específica, diferente daquela em que se dá na comunicação face a face. Mas certamente este empreendimento não é alvo deste trabalho. O empenho deste texto está refletir acerca dos desafios que a hermenêutica tem frente aos avanços da tecnologias e da cibercultura, algo que justifica um desenvolvimento de uma reflexão mais profunda sobre o que está em jogo nas relações digitais que estabelecemos entre nós em tempos de hiperconectividade.

Sem uma hermenêutica do diálogo no ciberespaço será cada vez mais difícil fazer desse espaço algo que promova a ética, a alteridade e o respeito ao outro. Será cada vez mais comum surgirem situações de intolerância. E sem diálogo e tolerância ficamos no limite entre a civilidade e a barbárie. A humanidade tem ferramentas ao seu dispor para unir povos, para desenvolver cada vez mais uma inteligência coletiva, todavia se não reaprendermos a arte do diálogo, podemos estar caminhando para um futuro não tão promissor. Parece que uma *hermenêutica do ciberdiálogo* é algo necessário para o nosso tempo, pois como diz Gadamer “onde parece faltar linguagem, pode surgir entendimento pela paciência, pelo tato, pela simpatia e tolerância e pela confiança incondicionada na razão comum a todos” (GADAMER, 2002a p. 252).

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRAGA, Sérgio; CARLOMAGNO, Márcio. *Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-*

- 2016). Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 26, p. 7-62, ago. 2018.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: vol. I*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GADAMER, Hans-Georg. *Da palavra ao conceito: A tarefa da hermenêutica enquanto filosofia*. In: GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. *A ideia de tolerância: 1782-1982*. In: Gadamer, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Lisboa, Edições 70, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. *A incapacidade para o diálogo (1972)*. In: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a. (p.242-252)
- GADAMER, Hans-Georg. *O homem e a linguagem*. In: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b. (173-182)
- GADAMER, Hans-Georg. *Europa e o oikoumene*. In: GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em Retrospectiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 1999.
- LEMOIS, André; LEVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. *Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- RISSER, James. *Hermeneutics and the voice of the other: re-reading Gadamer's philosophical hermeneutics*. Suny Press, Albany, N.Y, 1997.
- ROHDEN, Luiz. *Gadamer*. In: PECORARO, Rossano. *Os filósofos clássicos da filosofia*. V. III; de Ortega y Gasset a Vatimo. 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes: Rio de Janeiro: PUCR.Rio, 2009.
- ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica: método, ética e literatura*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.
- ROHDEN, Luiz. *Gadamer*. In: PERCORARO, Rossando. *Os filósofos clássicos da filosofia: v. III; de Ortega y Gasset a Vatimo*. 2 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes: Rio de Janeiro: PUCRio, 2009. (p.57-80)
- RÜDGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: Perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Artigo recebido em: 27 de novembro de 2019

Artigo aceito em: 28 de dezembro de 2019